



PROCESSOS DE ENSINAR E APRENDER SEXUALIDADE NA ESCOLA

Luciene Aparecida Silva¹
Carolina Faria Alvarenga²

Resumo: O texto em tela problematiza as relações de ensinar-aprender sobre sexualidades e gênero, vivenciadas no curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* Gênero e Diversidade na Escola – GDE, oferecido pela Ufla/UAB. Analisamos as falas das e dos cursistas, a partir das atividades realizadas nas disciplinas Sexualidade e Orientação Sexual (SOS) e Gênero (GE). Percebemos que as atividades no GDE possibilitaram novos olhares para as temáticas, ampliando metodologias e articulando teoria e prática no cotidiano das professoras e professores nas diversas instituições educativas.

Palavras-chave: Ensinar-aprender; sexualidade; gênero; formação continuada.

A responsabilidade política da educação em incluir, problematizar as diferenças e lutar pela garantia de direitos historicamente negados materializa-se em cursos de extensão, pós-graduação ou mesmo disciplinas isoladas que discutem as temáticas da diversidade. Nessa perspectiva, em 2010, a Universidade Federal de Lavras (Ufla) ofereceu o curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Gênero e Diversidade na Escola – GDE, que, durante quinze meses, instigou as e os participantes a problematizarem as diferenças e as diversidades, em especial, as relativas a gênero, sexualidades e raça/etnia.

A oferta do curso GDE é uma resposta de universidades públicas à demanda de formação continuada nas temáticas das diversidades: gênero, sexualidades e raça/etnia, para professoras e professores que atuam na rede pública de ensino.

O Departamento de Educação da Ufla, a partir de uma sólida trajetória na oferta de cursos de extensão na temática da diversidade, optou por oferecer a especialização

¹ Licenciada em Psicologia. Educadora na ONG Ciranda – entretecendo caminhos. Membro do Grupo de Pesquisa: Relações entre a filosofia e a educação para a sexualidade na contemporaneidade: a problemática da formação docente, coordenado pela Profa. Dra. Cláudia Maria Ribeiro – luc.si@hotmail.com.

² Professora do Departamento de Educação da Universidade Federal de Lavras (DED/Ufla). Membro do Grupo de Pesquisa: Relações entre a filosofia e a educação para a sexualidade na contemporaneidade: a problemática da formação docente, coordenado pela Profa. Dra. Cláudia Maria Ribeiro – carol_alvarenga@ded.ufla.br.

em GDE, objetivando a formação técnica e política das e dos professoras/es da educação básica³.

O desafio foi o de questionar, historicamente, a construção desigual das relações de gênero, sexualidades e étnico-raciais, relacionar como essas desigualdades têm implicações em nosso cotidiano e problematizar a prática pedagógica dessas e desses docentes. O curso priorizou discussões que perpassaram pela história das lutas políticas por direitos, pela ação dos movimentos sociais, pela construção da LDB, pela importância da educação em e para Direitos Humanos. Refletimos o ambiente escolar e as possibilidades de ações que contemplassem as temáticas gênero, sexualidades, raça/etnia.

A trajetória do GDE instigou reflexões e a construção de metodologias que lidassem com as diferenças com foco na desconstrução⁴. O foco nas metodologias perpassou duas dimensões, que se inter-relacionam: a primeira, do ponto de vista do curso. Em todas as disciplinas, nosso desafio foi possibilitar que a relação de ensinar-aprender fosse construída a partir de atividades bem diversificadas. Construção de textos, discussão nos fóruns (em grupos e no coletivo da turma), elaboração de esquemas, resumos, cartazes, pôsteres, roteiros de peça teatral e enredos de escola de samba, entre outras. Nesse momento, os sujeitos eram as e os próprios/as cursistas. A segunda teve o objetivo de subsidiá-las/os teórico-metodologicamente a reconstruírem sua prática pedagógica. O foco eram seus e suas estudantes – crianças, adolescentes, adultos em instituições educativas regulares e adultos em escolas nos presídios.

As disciplinas entrelaçaram-se e encontraram-se na complexidade dos saberes. Logo, reportamo-nos à metáfora do rizoma, que Sílvio Gallo (2003) apresenta a partir das teorizações de Deleuze e Guattari. O rizoma é uma espécie de raiz com uma característica de complexidade. Não há começo, nem fim. Todas as suas partes estão ligadas umas às outras. Por isso, pensamos nessa metáfora para significar a maneira

³ Partimos do pressuposto teórico de que a docência na educação a distância precisa ser compartilhada (Cf. BRUNO e LEMGRUBER, 2010). Nesse sentido, a docência se compõe a partir da atuação de várias pessoas – professores/as formadores/as, tutores/as a distância e presenciais, coordenador/a de tutoria, revisor/a, entre outras. Nós, as autoras, atuamos na docência do curso como tutora a distância (Luciene) e coordenadora de tutoria e professora formadora (Carolina).

⁴ Na concepção de Jacques Derrida, a desconstrução envolve ler um texto, buscando suas contradições e ambigüidades internas. Uma operação típica da desconstrução feita por Derrida consiste em focalizar as oposições binárias estabelecidas num texto, nas quais, também tipicamente, se privilegia um dos termos em detrimento do outro, para mostrar que certos elementos contidos no próprio texto, mas reprimidos, minam e desestabilizam tanto aquelas oposições quanto os privilegiamentos que elas estabelecem. (SILVA, 2000, p. 36).

como as disciplinas foram pensadas no GDE. Entendemos que elas foram, estrategicamente, engalfinhando-se, interligando e complementando saberes significativos ao cotidiano das professoras e dos professores cursistas.

Na estrutura curricular do GDE/Ufla, desde o início do curso, as discussões centraram-se em torno da diversidade, da desigualdade, em uma perspectiva histórica, marcada por lutas pela conquista e pelo reconhecimento dos direitos. Porém, especialmente, a reflexão mais específica sobre as questões de gênero e sexualidades tiveram lugar nas disciplinas Sexualidade e Orientação Sexual (SOS) e Gênero (GE).

A partir desse contexto, problematizamos, nesse trabalho, as falas de cursistas, a partir das atividades realizadas nessas duas disciplinas oferecidas no currículo do GDE: SOS e GE. Por meio do ambiente virtual de aprendizagem (AVA), analisamos e recortamos trechos de atividades que refletem o processo de ensinar e aprender pelo qual as e os cursistas passaram. Com quais concepções sobre a temática iniciaram o curso? Como, ao longo das reflexões, foram desconstruindo as formas de pensar, de ser e estar no mundo? Como, em meio a muitas dificuldades, conseguiram repensar sua prática pedagógica?

Gênero e sexualidades: o desafio da transdisciplinaridade a partir da reflexão por disciplinas

Após uma primeira aproximação com as temáticas centrais do curso – gênero, sexualidade e orientação sexual e relações étnico-raciais, na primeira disciplina do módulo específico, GDE: primeiras aproximações, aprofundamo-nos no debate sobre as questões de gênero na disciplina GE.

Conversaremos bastante sobre um tema que, a princípio, parece que não nos diz respeito e que não sabemos nada sobre ele, mas que é um dos eixos principais desse curso: Gênero e Diversidade na Escola. Nessa disciplina, gênero será a palavra mais usada. Discutiremos bastante sobre as relações de gênero existentes na sociedade e de como podemos transformar não somente nossas vidas, nossas atitudes no dia-a-dia, mas também, por que não dizer a sociedade como um todo?! Desejo a todas e a todos um excelente trabalho! (Ava, GDE Ufla, 2011).

A partir dessa mensagem inicial da professora formadora, Vera Simone Schaefer Kalsing, discutimos sobre os processos de construção da feminilidade e da masculinidade em nossa sociedade. A leitura do material básico do curso (GDE, 2009) e

os vídeos indicados⁵ deram subsídios para esta reflexão inicial. Ampliamos o debate, repensando sobre nossas práticas como educadoras e educadores e sobre nossa responsabilidade na reprodução de estereótipos de gênero, que ajudam na manutenção e perpetuação das relações de poder entre os sexos na sociedade. Navegamos no “Portal do Professor” em busca de atividades cujo foco central fossem as relações de gênero. Foi também realizada uma pesquisa sobre o significado do “Dia Internacional da Mulher”, o conhecido “8 de Março”, buscando trazer a importância da atuação do Movimento Feminista Mundial para as mudanças ocorridas nas relações entre homens e mulheres na sociedade. A produção de um glossário e de um texto que sistematizasse a compressão do conceito de gênero foi a última atividade a distância.

A avaliação final da disciplina consistiu em elaborar, em grupo, uma peça teatral que conseguisse

retratar, questionar, propor a reflexão sobre as questões de gênero tratadas na disciplina e sobre as relações de gênero existentes na sociedade, especialmente, considerando o seu ambiente de trabalho, a escola, tão rico para serem observadas e questionadas as relações, os valores e identidades de gênero (Ava, GDE Ufla, 2011).

Em seguida, após ampla discussão sobre o conceito de gênero, iniciamos a disciplina SOS, que foi construída para dar continuidade ao processo de desestabilizar “as certezas que se alicerçam em binarismos: certo e errado, pode e não pode, normal e anormal; para desconstruir formas de ensinar-aprender e inventar possibilidades metodológicas”. Os objetivos foram, segundo a professora formadora, Cláudia Ribeiro:

ampliar o conceito de sexualidade; problematizar o conceito de orientação sexual: desejos, comportamentos, identidades sexuais; discutir os limites e as possibilidades das propostas educativas no âmbito escolar e dos movimentos sociais focadas na saúde, na reprodução e na sexualidade e a importância de ações conjuntas de diferentes instituições do governo, de empresas e da sociedade civil na construção de ações educativas e assistenciais relativas à saúde, à sexualidade e à reprodução; discutir os direitos sexuais e reprodutivos e as concepções de jovens sobre saúde, sexualidade e temas afins, como diversidade sexual, gravidez, desejo, prazer; problematizar a educação para a sexualidade na infância (Ava, GDE Ufla, 2011).

As atividades propostas contemplaram uma visita ao Museu do Sexo⁶, com o objetivo de problematizarmos as obras de arte, seu contexto histórico e os ideais de beleza que as perpassam; leituras e produções de texto, relacionando às discussões nos fóruns, com embasamento nas leituras indicadas; produção de cartazes sobre os direitos

⁵ “Era uma vez outra Maria” - <http://www.youtube.com/watch?v=wpw2GYaO-Bc> e “Minha vida de João” - <http://www.youtube.com/watch?v=LESrHIGGon8>.

⁶ Disponível em www.museudosexo.com.br.

sexuais e reprodutivos; elaboração de esquemas de um texto escolhido entre a webbibliografia indicada sobre a temática da sexualidade; análise de vídeos, a partir da problematização sobre o dito e o não dito; e, como parte da avaliação final, a construção de vídeos, com imagens, músicas, frases e outros elementos que sintetizassem o que foi mais significativo para cada grupo em relação à temática da sexualidade. Recorrendo a Larrosa (2002), o que mais tocou cada uma/um e cada grupo.

As disciplinas GE e SOS possibilitaram reflexões sobre o conceito de gênero, que é relacional, construído cultural e historicamente, e o de sexualidade, vista como algo enigmático, paradoxal, fascinante, mas permeada de mitos e tabus, como problematiza Jimena Furlani (2003). Conceitos que se imbricam, mas são diferentes e complexos. Segundo Guacira Louro,

os corpos ganham sentido socialmente. A inscrição dos gêneros — feminino ou masculino — nos corpos é feita, sempre, no contexto de uma determinada cultura e, portanto, com as marcas dessa cultura. As possibilidades da sexualidade — das formas de expressar os desejos e prazeres — também são sempre socialmente estabelecidas e codificadas. As identidades de gênero e sexuais são, portanto, compostas e definidas por relações sociais, elas são moldadas pelas redes de poder de uma sociedade (LOURO, 1999, p. 6).

No decorrer do curso, em especial nessas disciplinas em questão, foram provocadas reflexões e debates sobre as possibilidades e os limites do currículo. As/os cursistas apresentaram os desafios cotidianos de lidarem com as temáticas. Afirmaram que ainda existem desconhecimentos das leis e dificuldades em lidarem com seus próprios preconceitos:

Como seres humanos, todos temos opiniões e valores; entretanto, enquanto educadores e educadoras, essas opiniões, julgamentos e crenças não devem interferir na nossa responsabilidade de promover o respeito às diferentes e possíveis manifestações da sexualidade (Tânia, cursista GDE).⁷

Assim, as/os cursistas foram instigadas/os a construir e ampliar saberes sobre a inclusão das diversidades nos currículos e as responsabilidades que todas/os devem assumir para que as leis aconteçam no cotidiano. Sexualidade e gênero são temas transversais, segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN (BRASIL, 1997) e os Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação Infantil – RCNEI (BRASIL, 1998).

Para Helena Altmann, a fim de atingir os objetivos propostos pelos PCN,

⁷ Os nomes das/os cursistas são fictícios.

o tema transversal da orientação sexual deve impregnar toda a área educativa do ensino fundamental e ser tratado por diversas áreas do conhecimento. O trabalho de orientação sexual deve, portanto, ocorrer de duas formas: dentro da programação, através de conteúdos transversalizados nas diferentes áreas do currículo, e como extraprogramação, sempre que surgirem questões relacionadas ao tema (ALTMANN, 2001, p. 6).

No contexto da Educação Infantil, os RCNEI atentam-se para “o caráter social do gênero e da sexualidade, problematiza o determinismo biológico, estimulando o[a] educador[a] a perceber que as percepções de ser menino ou menina são construídas nas interações sociais estabelecidas desde os primeiros anos de vida (VIANNA E UNBEHAUM, 2006, p. 414).

Dessa maneira, é necessário que haja intencionalidade na educação. Intencionalidade em educar para a sexualidade, contemplando as diferenças de gênero e sexuais (XAVIER FILHA, 2009). Porém, questionamo-nos: Como? Com quais metodologias? Quais reflexões podemos propor? Como inserir essas questões no cotidiano escolar de forma transdisciplinar?

Sexualidade, sexo, relação sexual, interessar-se pelo outro, questão individual? Temática que deve ser tratada no ambiente escolar? Temática pertencente ao âmbito privado contrapondo com a escola onde se trata do que é público, prepara para a vivência e sobrevivência no público, deixando este tema a cargo da família, ambiente do que é privado (Amélia, cursista GDE).

As/os cursistas, no cotidiano das escolas, colocavam em prática as reflexões, a partir do que foi discutido no GDE, por meio das metodologias aprendidas. Ampliavam as relações de ensinar-aprender, usando diferentes artefatos culturais e articulando-os, de forma transdisciplinar, em suas disciplinas (português, filosofia, história, entre outras) ou no cotidiano da Educação Infantil.

Não precisamos parar a aula e agora discutir gênero. Basta sabermos que é um conceito cultural, logo ao interpretar um texto com as/os alunos posso trazer a discussão da temática, assim como ao discutir a segunda guerra mundial, posso trazer as questões de gênero (Márcia, cursista GDE).

Refletir e entender a conceituação de gênero se faz necessário e importante para construção de uma sociedade igualitária entre homens e mulheres (...) As desigualdades existentes entre homens e mulheres são muitas vezes justificadas por atributos naturais, na aula tento trazer diálogo, ou passei a ouvi-los (Fernanda, cursista GDE).

O conceito de gênero coloca os atributos ditos naturais como características socialmente construídas. Assim se construídas historicamente podem ser questionadas e desconstruídas (...) Temos que estar atentos e vigilantes para que nossos valores e ideais preconcebidos não atrapalhem em uma prática reflexiva voltada para

valorização do indivíduo, contribuindo para equidade de gênero (Ana, cursista GDE).

A escola na sociedade atual tem o importante papel de transformar a comunidade em que atua. É na escola que se formam modos diferentes de pensamento, onde a cultura do outro passa a ser respeitada (Mariana, cursista GDE).

Penso que o curso em GDE possibilitou-me uma visão holística com relação à diversidade. Hoje, posso dizer que é possível fazer intervenções pautadas no diálogo, no respeito mútuo, enfim, me posiciono diante dos meus alunos e das situações cotidianas de maneira segura, estabelecendo o respeito à diversidade como condição sine qua non para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária para todos e todas (Lílian, cursista GDE).

Refletindo sobre as sexualidades e gênero com poemas, músicas, livros infantis, artigos de jornais, as professoras e os professores foram, cotidianamente, desconstruindo os estereótipos sobre a educação para a sexualidade. No início do curso, o entendimento restringia-se apenas aos aspectos biológicos, ou seja, era o de que apenas a prevenção da gravidez na adolescência e os cuidados com as doenças sexualmente transmissíveis seriam o foco do trabalho. Era uma obrigação das agentes de saúde ou uma atividade realizada na escola, com palestras ou aulas de Ciências.

A questão da sexualidade na escola sempre foi um assunto que despertava discussões. Devemos ter muita responsabilidade com o que vamos ensinar aos alunos (...) Muitas vezes, as discussões ficavam para a aula de biologia ou palestras com profissionais de saúde (Jane, cursista GDE).

A Educação Infantil não era contemplada na maioria das vezes. Relacionar sexualidade à infância era algo impensável. Todavia, a sexualidade é enigmática, não se refere apenas a sexo, pois perpassa os muitos e variados modos de vivenciarmos nossos desejos e arranjos que as pessoas estabelecem para vivenciarem prazeres. E, principalmente, remete-nos a direitos e respeito mútuo. Nesse contexto, Débora Britzman problematiza:

A versão da sexualidade ainda não tolerada (ao menos no currículo escolar) é exercitada, entretanto, nas vidas cotidianas das pessoas e no domínio da cultura mais ampla: na literatura, no filme, na música, na dança, nos esportes, na moda e nas piadas. É, com frequência, difícil distinguir, na literatura pedagógica sobre sexualidade, a versão normal da crítica, porque mesmo a versão crítica não consegue ultrapassar o moralismo e as categorias eugenistas da normalização (BRITZMAN, 2001, p. 92-93).

Sensibilizar professoras e professores para as temáticas pode contribuir para a desconstrução de estereótipos que estão naturalizados em nosso cotidiano. Portanto, nosso desafio foi possibilitar a ampliação dos conceitos de gênero e sexualidades e, ao mesmo tempo, subsidiá-las/os teórico-metodologicamente para que os currículos de

toda a Educação Básica, incluindo a Educação Infantil, pudessem ser repensados. Para tanto, foram(são) imprescindíveis novos olhares e a desestabilização de certezas e das muitas “verdades” historicamente construídas.

Nos fóruns de discussão e em outras atividades, as experiências das/os cursistas sobre sua prática pedagógica eram relatadas, a partir da utilização das diversas metodologias aprendidas no GDE. Na Educação Infantil, Joana destaca que “*a contação de histórias possibilitou muitas conversas*”. Conversas sobre as questões de gênero, sexualidade e relações étnico-raciais.

Decidi trabalhar com bonecos, mas eram bonecos especiais, pois tinham os órgãos genitais. Falei para a turma que iríamos fazer uma atividade diferente, que iríamos brincar e que tínhamos novos amiguinhos na sala (os bonecos) (Lílian, cursista GDE).

Os alunos assistiram a uma série de vídeos retirados da internet que abordavam o tema orientação sexual, principalmente, a homossexualidade. (...) A cada vídeo assistido, os alunos e alunas faziam comentários. Em relação às opiniões, havia uma divisão interessante do grupo: aqueles/as que eram amigos do colega homossexual mostravam-se mais informados e com uma posição mais liberal. Declararam-se não preconceituosos, pois “cada um faz o que quiser da sua vida”, “o importante é a pessoa ser feliz do jeito que é”, “todos somos iguais” e algumas outras expressões do tipo. Observei que as meninas eram maioria nesse grupo. Mas havia também aquele grupo que considerava a homossexualidade uma coisa errada, pois era “falta de vergonha e pecado”, pois “Deus criou o homem e a mulher para viverem juntos, não homem com homem e mulher com mulher” (Tânia, cursista GDE).

Assistimos um episódio da Turma da Mônica: Meninos e Meninas. Falei com eles que naquele momento iríamos assistir a um filme bem legal (...) O filme e as questões que ficaram em debate visavam sensibilizar os discentes, que poderiam estar juntos, ser amigos uns dos outros, e desconstruir as questões de gênero que interferem nas brincadeiras e na inserção destes em qualquer lugar que estejam (Elizane, cursista GDE).

Não foi novidade, porém, o uso de inúmeras metodologias, já bastante utilizadas no cotidiano escolar, como a contação de histórias, o uso de músicas e vídeos, as idas ao laboratório de informática. O diferencial foi que, a partir do referencial teórico e das relações de ensinar-aprender vivenciadas no GDE, as metodologias ganharam novos olhares.

As falas dessas cursistas, em diálogo no fórum, mostram que o desafio foi aceito, apesar dos muitos medos, tabus e preconceitos ainda marcados em suas concepções e ações e também dos e das estudantes e de suas famílias.

Assim, podemos concluir que considerar a questão da sexualidade significa pensá-la em todos os aspectos (Mariana, cursista GDE).

Então, depois de algum tempo, começamos a falar sobre os direitos e as responsabilidades, tanto do homem, quanto da mulher (...) um dia um aluno disse sobre os apelidos dentro da sala de aula, “quando eu choro eles me chamam de mulherzinha”. O outro disse: “eu nunca falo que tô com medo”, perguntei o porquê, ele disse que as meninas começam rir (Ana, cursista GDE).

Mas tais atitudes estão arraigadas de maneira que devemos evitar reforços a tais atitudes. (Joana, cursista GDE).

Muitas dúvidas, desafios e medos. Para transgredirem essas barreiras, as atividades propostas instigavam reflexões e davam às e aos cursistas embasamento teórico, metodológico e político para suas ações. Elas e eles diziam de suas dificuldades em observar essas questões antes do curso e reafirmavam que, na formação inicial, não discutiram as temáticas. Ingressar no GDE foi uma escolha que perpassou muitas razões: facilidade de formação na EAD, necessidade de obter um título de especialista e militância política nas temáticas. Muitas razões para iniciar e uma quase unanimidade para continuar:

A paixão pelos temas, a sensibilidade para muitas questões que antes pareciam ser da ordem do privado, possibilidades de atuar em situações que antes ficavam no silêncio (Conclusões de algumas cursistas em conversas nos encontros presenciais).

Esse repensar sobre as práticas pedagógicas, geralmente, eram antecidos por momentos em que elas e eles revisitavam suas próprias concepções sobre gênero e sexualidades.

Em minha tenra idade, lembro-me de vozes ecoarem: “homem não chora”, “mulher com mulher dá jacaré”, “boneca é brinquedo de menina”, “azul é cor de menino”, etc. Estas frases prontas, pensares comuns, discursos habitam o imaginário popular e serão sempre perpetuados/as? Nasceram quando? Quem as/os produzem? (João, cursista GDE).

Nas disciplinas SOS e GE, construímos textos em diferentes contextos e colocamos em discussão que:

nossas crenças a respeito da sexualidade, como as crenças na feitiçaria, também nos são apresentadas como fundadas em ‘fatos evidentes por si mesmos’. Assim, desde o século XIX, passamos a crer na existência de uma divisão natural dos sujeitos em ‘heterossexuais, bissexuais e homossexuais’. Essa crença impõe-se à maioria de nós como um dado imediato da consciência, como algo ‘intuitivo’, e, portanto, como algo universalmente válido para todos os sujeitos em qualquer circunstância espaço-temporal (COSTA, 1994, p. 118).

E questionamo-nos: Sempre foi assim? Quando aprendemos a classificar pessoas por suas orientações sexuais? Quem dita as normas? Reproduzimos os preconceitos nas instituições educativas?

A escola é uma instituição social importante para a formação de identidades e deve sempre promover o respeito à diversidade sexual, através de uma postura laica, ética, política e, sobretudo, crítica (Tânia, cursista GDE).

A escola tem por “obrigação” ensinar que afeto e atração são inerentes ao ser humano sem especificação de gênero (Maria, cursista GDE).

Acreditar nisso, porém, ainda não garante os direitos a todos os sujeitos. O desafio vai além. É preciso refletir: qual a educação para a sexualidade estamos empreendendo? Nas palavras de Furlani (2005, p. 203), “perceber quais os campos disciplinares que promovem discursos acerca da sexualidade e de sua educação”. Essas discussões sobre gênero e sexualidades são direitos que devemos garantir na prática cotidiana. Para tanto, a formação inicial e continuada de professoras e professores nas temáticas torna-se fundamental, pois no cotidiano, muitas vezes, naturalizamos aprendizados que são históricos e culturais.

Aprendemos e ensinamos na cultura. Ao assumirmos a responsabilidade de educarmos para as vivências que pautem direitos humanos, devemos inicialmente rever nossas crenças. Ensinar-aprender com outras e tantas possibilidades. O GDE provocou essa sensibilização, buscando instigar olhares para as normalizações e exclusões que antes pareciam “naturais”. Agora, ao assumirmos o compromisso com as temáticas e iniciarmos uma trajetória de formação política e técnica, assumimos outras e novas metodologias.

Dessa forma, pode-se dizer que muitas foram as transformações ocorridas acerca da temática gênero, principalmente no tocante às diversas desigualdades entre homens e mulheres explícitas nas mais variadas situações. Porém, ainda hoje, vemos mulheres sendo discriminadas e inferiorizadas por uma sociedade preconceituosa que constantemente nos impõe papéis de gênero (Joana, cursista GDE).

*Nós, educadores[as], temos que ampliar o olhar, deixar de lado esta visão naturalizada da sexualidade, nossas convicções religiosas para levar a temática para sala de aula auxiliando numa construção identitária livre, fundamentada no respeito à **escolha** (sic) do outro (Amélia, cursista GDE).*

Ensinar-aprender sobre gênero e sexualidade ampliou análises e as e os cursistas colocavam-se em questão, problematizavam suas ações. Modificavam sua prática educativa e traziam essas experiências aos diálogos no GDE:

Na escola, a sexualidade está presente nas mais variadas formas. Um exemplo levantado são as pichações nos banheiros, que envolvem valores do masculino e feminino. Os olhares insinuantes entre estudantes, piadas, apelidos também acabam por estigmatizar os rapazes mais “delicados” e as meninas mais “desinibidas”. De toda forma, é comum haver repressão sobre esses comportamentos onde o

corpo é presente e materializados são os desejos (Daniel, cursista GDE).

No GDE, instigamos outras e tantas maneiras de lidarmos com essas temáticas. (re)conhecemos leis, direitos, lutas políticas e revisitamos nossas metodologias, ensinamos-aprendemos que sexualidade e gênero são temas transdisciplinares, que professoras e professores são profissionais e a formação inicial e continuada é um direito, que possibilita ações cotidianas e lutas por equidade e respeito mútuo no ambiente escolar. Ensinar-aprender sobre sexualidades e gênero no GDE iniciou a travessia de formação nas temáticas, que é longa e exige articularmos teoria e prática. Buscamos, em Larrosa (1999), a reflexão de que devemos sempre manter aberta a interrogação ao ler, escrever, escutar, falar. Devemos nos fazer, desfazer e refazer. Estar em movimento atentas e atentos às possibilidades de realizarmos “pequenas revoluções cotidianas”, como nos ensinou Michel Foucault (1988).

Referências

ALTMANN, Helena. Orientação sexual nos parâmetros curriculares nacionais. *Estudos Feministas*. Florianópolis, UFSC, v. 9, n. 2, p. 575-585, 2001.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: pluralidade cultural, orientação sexual*. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. *Referencial curricular nacional para a educação infantil: conhecimento de mundo*. Volume 3. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRITZMAN, Deborah. Curiosidade, sexualidade e currículo. In. LOURO, Guacira Lopes. *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

BRUNO, Adriana R.; LEMGRUBER, Márcio S. Docência na educação online: professorar e(ou) tutorar? In: BRUNO, Adriana R. [et al.]. *Tem professor na rede*. Juiz de Fora, MG, UFJF, 2010.

COSTA, Jurandir. Freire. *Homoerotismo: a palavra e a coisa em a ética do espelho da cultura*. 2 ed., Rio de Janeiro: Rocco, 1994, 5 p.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: a vontade de saber*, tradução de ALBUQUERQUE, M. T. da C. e ALBUQUERQUE, J. A. G. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1988.

FURLANI, Jimena. *Mitos e tabus da sexualidade humana: subsídios ao trabalho em educação sexual*. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

_____. *O Bicho Vai Pegar! Um olhar pós-estruturalista à educação sexual a partir de livros paradidáticos infantis*. 2005. (Doutorado) Faculdade de Educação - Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRGS.

GALLO, Sílvio. *Deleuze & a Educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

Gênero e diversidade na escola: formação de professoras/es em Gênero, Sexualidade, Orientação Sexual e Relações Étnico-Raciais. Livro de conteúdo. Rio de Janeiro: CEPESC; Brasília: SPM, 2009.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*. Campinas, n.19, jan/abr, p. 20-29, 2002.

_____. O enigma da infância. In: *Pedagogia Profana: danças, piruetas e mascaradas*. Trad. Alfredo Veiga-Neto, 1999.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (org) *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica. 1999.

SILVA, Tomaz, Tadeu. *Teoria Cultural e Educação: um vocabulário crítico*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. 128 p. (Estudos Culturais, 4). Disponível em <http://pt.scribd.com/doc/56005265/Teoria-cultural-e-educacao-Um-vocabulario-critico>. Acessado em 01/06/2012.

VIANNA, Cláudia; UNBEHAUM, Sandra. Gênero na educação básica: quem se importa? Uma análise de documentos de políticas públicas no Brasil. *Educação & Sociedade*, Campinas, v.28, n.95, maio-ago, 2006.

XAVIER FILHA, Constantina. Educação para a sexualidade: carregar água na peneira? In: RIBEIRO, Paula Regina Costa; SILVA, Méri Rosane Santos da; GOELLNER, Silvana Vilodre (orgs.). *Corpo, gênero e sexualidade: composições e desafios para a formação docente*. Rio Grande: FURG, 2009, p. 85-103.